



Contos e Retalhos

*FRAGMENTOS LITERÁRIOS
DA MATURIDADE*

Contos e Retalhos:

Fragmentos literários da Maturidade

Este livro é resultado de uma oficina literária realizada
no Programa da Maturidade da Faculdade Municipal
da Palhoça
2018

FICHA CATALOGRÁFICA

B869.3
C7681

Contos e retalhos : fragmentos literários da maturidade / organizadora Ana Cláudia Taú, revisão Débora Regina Ouriques. – Palhoça, SC : FMP, 2018. 35 p.

ISBN: 978-85-907080-1-8

Vários autores.

1. Contos - Palhoça - Santa Catarina. 2. Poesia. 3. Maturidade. 4. Ficção. I. Ouriques, Débora Regina. II. Frazão, Álvaro Francisco. III. Dias, José Américo. IV. Silveira, José. V. Espíndola, Nilton Tolentino. VI. Rosa, Zulene Schütz.

Rosenei Peixer

CRB14/1278

DIAGRAMAÇÃO, CAPA e ORGANIZAÇÃO

Ana Cláudia Taú

REVISÃO

Débora Regina Ouriques

AUTORES

Álvaro Francisco Frazão

José Américo Dias

José Silveira

Nilton Tollentino Espíndola

Zulene S. Rosa

Sumário

APRESENTAÇÃO	4
A HISTÓRIA DO GATO QUE FALA	5
BARRETO	9
PAPO DE BOTEÇO.....	12
PERGUNTAS INDISCRETAS, RESPOSTAS DESCONCERTANTES	14
FILOSOFAR? JAMAIS!	16
GOSTO DE LEOAS !	17
O JARDIM MÁGICO	22
O AMOR SEMPRE VENCE?	23
O ERRO DA ESPERTEZA.....	25
YASMIM.....	26
SAUDADES	31
AMIGOS.....	33
SOBRE OS AUTORES	34

APRESENTAÇÃO

Este livro é fruto de um trabalho coletivo que vislumbrou dar visibilidade aos textos dos alunos do Curso da Maturidade, pertencente ao Programa de Extensão da Faculdade Municipal da Palhoça. Os textos foram todos produzidos pelos autores, em sala de aula, durante a disciplina Produção de Livro¹, a qual faz parte da grade curricular do curso. Os alunos ficaram livres para escolher o tema, como também o tipo de texto que o livro abrangeiria, porém foi sugerido, de antemão, que se produzissem crônicas memorialísticas. Optamos por colocar também alguns textos que não foram produzidos em sala de aula, tomando o cuidado para a questão do ineditismo da obra. Todos são textos que, de alguma forma, remetem a memória de pessoas experientes, as quais encontraram nesta produção literária um espaço para a imaginação, a criatividade e a autoria.

Aproveitem a leitura!

Professora Ana Cláudia Taú

¹ Referência à disciplina Produção de texto, ministrada pela Professora Me. Ana Cláudia Taú, na Faculdade Municipal de Palhoça - FMP/2018.

A HISTÓRIA DO GATO QUE FALA

Por Álvaro Francisco Frazão

Há muito tempo, os animais falavam. Que idioma e com quem falavam ninguém sabe. Mas falavam. É o que me garantia minha prima de sete anos de idade - a Deínha. Assim eu a chamava (e ela não gostava) porque o nome dela mesmo era Hailê, filha de minha prima Júlia e neta de minha tia, Dona Raí. Ela passava a maior parte do tempo na casa da avó, só à tardinha a mãe vinha buscá-la. Quando chegava da escola, a primeira coisa que a Deínha fazia era chamar o mosquito – um gato manhoso que a Dona Raí criava desde filhote. Agora, já adulto, o mosquito não gostava de muito chamego, exceto com a Deínha. Eu adorava ver quando a Deínha, ainda com a mochila às costas ao entrar, gritava com aquela voz doce, mas enjoada:

-Voó! Cadê o mosquito. (Deínha falava com destaque na última vogal.)

Minha tia respondia lá da cozinha:

- E eu sei lá desse gato safado menina, deve estar por aí batendo pernas. Ele só aparece na hora de comer...

Nos dias em que a Deínha estava no terraço alisando o pelo do mosquito, ela “conversava” com ele. Eu chegava sorrateiro e perguntava:

- O que ele disse Deínha?

Ela não respondia, apenas dava de ombros como se dissesse:

- Meu nome não é Deínha, é Hailê, tá?

Depois ela me olhava de soslaio, e sorria. Uma vez ela me perguntou, enquanto rabiscava num caderno figuras de gatos:

- Álvaro, os gatos quando morrem vão para o céu?

- Claro! Se forem bonzinhos. Respondi.

- Então, eu acho que o mosquito vai para o céu quando morrer, ele é bonzinho.

A Deínha era assim: uma garota sensível e muito inteligente. Às vezes fazia perguntas que deixavam os adultos numa sinuca. Confesso que tinha receio quando ela me perguntava alguma coisa. Certa vez, ela me questionou sobre o meu trabalho. Na ocasião, eu trabalhava em um dos bancos da cidade. em Presidente Prudente. Com determinação e curiosidade ela me olhou nos olhos e perguntou:

- Álvaro, o que é juro?

Então lhe expliquei que juro era uma quantia em dinheiro que a pessoa pagava por pedir dinheiro emprestado ao Banco, para ser mais simples possível ao seu entendimento. Ela baixou os olhos, sorriu e saiu-se com essa:

- Ah! Eu pensava que juro era assim: A pessoa pega o dinheiro com o gerente e diz: Eu juro que pago!

Fazer o quê? Apenas contive minha risada, para não deixá-la sem graça. Essa curiosa menina, às vezes me encabulava. Eu ficava pensando: Será que ela conversa mesmo com esse gato? Deixa-me ver. Então eu chamava o mosquito e dizia:

- Vamos conversar mosquito. Deita aqui. Mas o diabo do gato não dava moral pra mim. Ele me olhava feio e agia como se dissesse:

- Não converso com estranhos, e ia embora torcendo o rabo.

Eu, na ocasião, morava na cidade de Presidente Prudente, no interior do Estado de São Paulo. Residia no centro da cidade, e na época da festa de N.S. do Rosário, havia uma “quermesse” no salão paroquial. Quermesse, pra quem não sabe, é uma festa de mais ou menos sete dias com bingos, prendas, brindes, comes e bebes e, principalmente, muitas garotas a fim de arrumar namorado com o uso do correio elegante, uma forma de comunicação entre as mesas, com bilhetinhos e mensagens de amor entregues pelos garçons e garçonetes. A paróquia ficava num dos bairros mais antigos da cidade: a Vila Marcondes. Próximo à igreja, havia um velho cemitério que já não se usava mais. Ficava numa rua bem atrás da principal, que não tinha calçada e quase não tinha iluminação. Mesmo assim, da rua principal podia-se avistar aquelas formas sombrias de cruzes e túmulos muito antigos.

Contavam os moradores, que por volta de 1940, aquele lugar era um sítio, pois a cidade ainda não havia se expandido até ali. Numa casinha de madeira vivia um velho com o seu cachorro e que de lá eles podiam avistar a trilha por onde passavam as tropas de burros, os cavalos e carroças que chegavam à cidade, justamente onde hoje é a rua principal do bairro. Dizem que quando o velho morreu, ele foi sepultado pelos outros moradores do local por ali mesmo, já que não existia o cemitério. A verdade é que o animal ficou abandonado e acabou morrendo de fome. Passados alguns anos, o bairro se modificou. Surgiram novas casas (ainda todas de madeira) e construíram o tal cemitério. Contam também que em certas noites algumas pessoas viam um cachorro

deitado num terreno baldio bem debaixo de um velho Ipê, justo onde fora o casebre do velho solitário. Esse cemitério hoje, quase abandonado, visitado apenas por algumas pessoas no dia de finados, já foi o principal da cidade naquela época.

Meu primo Zeca, um gozador incorrigível, cheio de estórias, me contava o seguinte: em um passado recente, o pároco (hoje já falecido) era um padre alemão que ainda não dominava o nosso idioma; assim com aquele sotaque germânico, pronunciava algumas palavras com certa dificuldade. Ele não aceitava o desmando para com o cemitério, já que lá estavam sepultados alguns dos primeiros fieis de sua paróquia. Vez ou outra, nos sermões das missas, ele chamava a atenção para que as pessoas não usassem o campo santo como passagem para as ruas posteriores. Ocorre que o tal cemitério (eu mesmo passei por lá para comprovar) nem portão tinha mais, apenas um velho muro caindo aos pedaços e algumas covas que já viravam uma trilha por onde passavam pessoas, burros, cavalos e até bicicletas. O padre lamentava por isso e em tom de advertência pedia mais respeito com aqueles sepultos ali. Como ele tinha dificuldade em articular alguma palavra não dava conta de dizer pisar com z. Ele dizia: "pissar" com dois ss. Acontece que naquela época e até recentemente a palavra pisar era um verbo que não podia ser pronunciado nas salas de estar das famílias, pois era uma expressão erótica, equivalente hoje a "transar". O padre, coitado! Meio ao sermão reclamava:

- É precisso tomarr mais cuidada com o cemitérrio, fica toda mundo pissando no cemitérrio. As pessoas pissam lá, até os cavalos pissam também! Isso não pode continuarr, porque estão pissando nos defuntos parrentes de vocês. E nós caímos na risada. Esse era desejo do meu primo - fazer palhaçadas.

Voltando ao cachorro abandonado, algumas pessoas o viam ou imaginavam assim, perambulando pela única rua do bairro, que então não dispunha de luz elétrica. Alguns, dizem, que ouviam uma voz rouca suplicando: Comida! Muitos evitavam passar por aquele local à noite.

Na última noite da quermesse, por volta das 23h30min, eu deixei o salão e rumei para o centro a pé, pois o ônibus circular já havia parado àquela hora. Ao passar pela tal rua, ainda mal iluminada, percebi alguma coisa se mexendo entre as touceiras de capim, ao longo da guia da calçada. Vi algo que não consegui identificar, mas era um bicho, parecia um cão preto que me olhou bem nos olhos. Eu, como sempre,

nessas horas sou frio como uma pedra de gelo, passei sem me alterar. Poucos passos à frente escutei algo, como uma voz rouca, dizendo:

- Comida!

Nem olhei pra trás, e só quando alcancei o próximo poste com a lâmpada amarela acesa sobre minha cabeça, me dei conta do susto, meus pelos arrepiaram e senti um pouco de medo. Foi então que me lembrei da Deínha e do gato mosquito. Fui embora pra casa e nunca contei isso a ninguém!

BARRETO

Por Álvaro Francisco Frazão

Quando morei em Belém do Pará, lá pelos anos de 1988 e 1989, conheci um sujeito curioso - não que ele gostasse de meter o nariz na vida alheia, mas pela maneira como colocava as coisas, sua ótica da vida e principalmente pelo seu modo de ser comerciante. Foi no bairro do Telégrafo (que eles chamavam de telégrafo sem fio), um local onde fora um assentamento para trabalhadores de uma grande obra, que não se sabe ao certo se o terreno fora um aterro ou simplesmente ficou daquele jeito porque a maré foi recuando, transformando-o em mangues e depois num aterro natural.

O bairro do Telégrafo era, ou ainda é um local popular, com muitas casas de madeira, a maioria delas sem asfalto. Eu morei em frente à Taverna do Barreto, numa casa de tábuas muito bem arrumada, erguida sobre palafitas, cujo assoalho brilhava de tão encerado. Nesta casa, foram os meus primeiros dias em Belém, ao lado de minha mulher Ana Maria e minha filha. Apesar das dificuldades, nós enfrentamos a situação com otimismo e boas esperanças, mas não foi nada fácil aquilo. Sob nossos pés, as tábuas rangiam. Havia uma bizarra e desagradável comunidade de ratos; aranhas de tamanho e feiuras consideráveis, cobras e provavelmente lagartos. Esses indesejáveis vizinhos costumavam nos visitar à noite, subindo pelas palafitas. A Ana ficava horrorizada. Mas a gente acaba se acostumando. Coisas da Amazônia... Além do odor característico que subia da maré e meia dúzia de gatos vadios e brigões, a vida acontecia normalmente durante os dias, mas à noite, era uma festa. Uma estranha festa.

Como eu dizia, o Barreto era uma figura agradável, sorridente e amigo de todos, especialmente das crianças. Sua taverna era em um barracão de madeira (sobre palafitas), sem janelas, com uma porta de duas folhas que se abriam para a rua. Sempre cedo, durante o café da manhã dos moradores e para o alívio das donas de casa, com poucos recursos financeiros, ele costumava dizer:

- Aqui ninguém sai sem levar alguma coisa. Meu negócio é vender, seja o que for, seja o quanto for.

E era verdade. Nas minhas andanças por esse imenso Brasil, jamais vi algo semelhante. Se o Real existisse nessa época, e alguém tivesse apenas um Real, conseguiria comprar pão, margarina, café e açúcar e de brinde ainda ganhava um cigarrinho para fumar depois do café. O Barreto conseguia dimensionar as quantidades. Era vinte centavos disso, trinta daquilo, quarenta daquilo outro, a margarina, por exemplo, ele embrulhava num papelzinho de seda e tudo muito bem arrumadinho.

O Caixa da taverna era uma caixa de papelão no chão, ao lado de um saco aberto de ração para cães. Mas bom mesmo era ver o batalhão de crianças, o dia inteiro, comprando balinhas, doces, pipas, linhas e outros apetrechos infantis. Os meninos falavam todos ao mesmo tempo, alguns xingavam, outros gritavam e o Barreto, pacientemente, atendia a todos, sempre brincando e jogando as moedas no seu "caixa". Ele comentava comigo:

- Aqui, todo mundo compra, todo mundo leva.
- E todo mundo é feliz! Pensava eu.

No horário do almoço, a cena se repetia, o roteiro também, mas os personagens eram outros. Entravam em cena as domésticas (algumas, o Barreto cantava) que iam e vinham a fim de comprar os pertences da refeição.

- Seu Barreto me dê 50 centavos de arroz, um real de feijão, trinta de farinha, três "real" de carne seca, meia xícara de óleo, e o troco, me dê de cigarro picado.

Tudo isso não passaria de cinco reais. Acredite se quiser. E, quando alguma freguesa mais brava reclamava das medidas, o Barreto assentia com um sorriso de gelatina amarela e murmurava expressões locais, usadas para espanto ou um desagravo:

- Égua! Ou então:
- É ralado!

O mais curioso nisso tudo era como ele conseguia se locomover entre tantas mercadorias colocadas desordenadamente e até mesmo de forma perigosa. Era um misto de feira, supermercado, boteco e ainda sobrava um cantinho na ponta do balcão para uma cachacinha ou uma "cerpa" gelada, sem contar com o tira gosto de mortadela que, às vezes, ele nem cobrava. A peça pendia junto ao portal ao lado de guarda-chuvas e vassouras, e era um alvo fácil de dentro do balcão para uma faca

enorme que servia também para cortar fumo, sabão etc. Eu ficava pasmo de ver, aquele bazar surrealista, impossível de funcionar e, no entanto, atendia ao Barreto sem nenhum constrangimento, tanto para ele quanto para aos clientes. E eu passei a ser um deles.

Claro, que eu normalmente comprava as coisas pra minha casa nos supermercados, padarias e feiras, mas me divertia comprando na Taverna do Barreto. Imaginem um cômodo de madeira de oito por quinze metros, um velho freezer que o Barreto “não trocava por um novo porque gelava demais”, dizia. O espaço era apinhado de todos os tipos de mercadorias possíveis: Um saco de feijão (aberto é claro), outro de arroz, mais outro de farinha, carne de charque, milho pra pipoca, fumo de corda, linha pra pesca, creolina e até fogos de artifício; tudo comprimido e misturado mesmo, pendurados no teto ou espalhados pelo chão. Mas o Barreto sabia onde encontrar os pedidos de olhos fechados, conseguia manipular tudo e ainda manter uma higiene improvável. Balança, não havia. Os pesos e medidas eram feitos à mão e ao olho do Barreto, mas sempre generosos. Uma coisa era certa: o Barreto não roubava (muito), porém, não vendia fiado. Dizia:

- Fiado só é bom para perder o freguês!

Além disso, o Barreto era uma pessoa aberta e gostava de estórias. Sabia coisas e segredos das cozinhas e quartos de dormir. Fazia considerações sobre política e políticos. Era discreto, um bom observador; contudo, era do tipo diferenciado do paraense. Branco, cabelos pretos, média estatura e um bigodinho ao estilo Carlitos. Uma figura. Ele gostava de citações célebres, tipo:

- “Esta noite eu tive um sonho, um sonho de liberdade...” parafraseando Nelson Mandela, dizia ele. Outras ele inventava e atribuía a personagens que ele também inventava. Quando os meninos, lá chegavam nervosos e xingando as coisas, ele, com um ar solene, dizia:

- Saporra é a mulher do sapão!

Eu ria até...

PAPO DE BOTEÇO

Por Álvaro Francisco Frazão

Existem mais mentiras entre o céu e a terra do que possa imaginar nossa inútil filosofia. Papo de boteco é assim. Pura lorota. O sujeito chega e se aconchega. Não se faz de rogado e pede logo “uma boa”, então, começa a puxar uma conversa com o primeiro desavisado na mesa ao lado, como se ele fosse seu fiel escudeiro, atento à prosa, seja ela de que naipe for. “Futebol e mulher” sempre é bom, mas já está gasto e o assunto agora é papo sério, cabeça, daqueles que todo mundo se liga no “achometro”, mas ninguém sabe porra nenhuma. E, se contar vantagens desse grana, certamente ia chover notas de cinquenta no boteco.

Os assuntos são vários, alguns sérios, fora o do gaiato sempre com suas piadinhas mal vestidas, desgastadas, enjoadas e que ninguém ri. Bom mesmo é o papo fuxiqueiro, mal humorado e em unísono, nada polêmico sobre a vida dos outros e em especial sobre as atividades de “viados” e “sapatões”... Papo no boteco é assim mesmo. Daqui a pouco, a conversa entorna – só porque passou um carro preto piscando luzes escandalosas como árvores de Natal sobre rodas - e vamos falar sobre a justiça dos homens, os casos policiais com delegado justiceiro, policial valentão, etc.

Cara é demais! A bandidagem que já partiu, e partiu tarde nessa hora, está se mijando de tanto rir na cova rasa do cemitério público. E, o filósofo de plantão do boteco, após pedir “mais uma”, conclui tomando ares de profeta:

- A única justiça, é a justiça de Deus!

Eu, que faço parte dessa massa etílica, ora me encanto com a teia de conceitos e preconceitos, ora me revolto. Depende do meu humor e do meu fígado. Às vezes, falo demasiado e desagrado a maioria, às vezes me calo e acabo indo embora achando aquilo ali um saco!

Papo de boteco, não tem sentido, a não ser o diálogo absurdo. Também não tem razão, a não ser a razão dos copos e garrafas. Nada mais.

Às vezes me pergunto:

- A gente vai ao boteco beber pra conversar ou conversar pra beber?

Essa dúvida gustativa permanecerá, enquanto for um bar, enquanto houver um time de futebol, ou as mulheres continuarem misteriosas. Além disso, o teor mais

importante é a contação de vantagens e o altar da mentira. E por falar em mentira, eu frequento um bar de pescadores profissionais, que nunca mentem quando o assunto é pescar. Além do mais, tem aquela hora da “serra”, é a hora dos cinquenta centavos pra completar uma pinga e a do me dá um cigarro aí. Essa hora é toda hora, esse dia é todo dia. No fundo, sem raiva reprimida ou desejos mórbidos, todo mundo parece feliz, mesmo que seja segunda-feira, todos parecem livres e com a língua solta.

Que nem eu...

Certo dia e por acaso, nesse bar e por ser época de campanha eleitoral, ia passando um carro de som de determinado candidato a vereador, tocando e retocando uma musiquinha bonitinha, mas ordinária como diria Nelson Rodrigues... Achei-a bonitinha, mas não escutei a letra. Então, como não presto, aproveitei a “deixa” e num guardanapo escrevi seguinte letrinha:

*Pra começar
canta pra gente
cantar de bode
é pior que dor de dente.
Mas, pra piorar
o papo é quente
Tão diferente bebendo pinga com guaraná.
Vou me mandar
sai da minha frente
antes do calote
paga uma cachaça pra terminar.*

PERGUNTAS INDISCRETAS, RESPOSTAS DESCONCERTANTES

Por Álvaro Francisco Frazão

Existem pessoas tais, que são desprovidas de bom senso quando falam; outras de boa educação; e ainda outras, das duas coisas. Seria irrelevante identificá-las. Não vale a pena. Mas quando as encontramos em momentos assim acabam nos envolvendo, ficamos sujeitos ao constrangimento tal é a deselegância.

Mesmo sem malícia, ao questionarem assuntos que muitas vezes nem entendem, o despropósito basta. Sem querer conceituar - dependendo a quem, o que e como, perguntar ofende sim.

Quando morei em Brasília, uma amiga minha (amizade colorida) eu a chamava de “Fanny” e costumávamos sair para curtir um shopping. Na ocasião (isso foi em 1995) eu trabalhava para o tabloide Taguatinga News em Taguatinga, uma das cidades do Distrito Federal. Certa tarde estávamos os dois a passeio no Shopping Alameda, quando fui cumprimentar um futuro cliente, Humberto, gerente da conceituada livraria Sodiler. Na época, eu fazia para o Taguatinga News, além da parte comercial, uma coluna literária em que comentava os últimos lançamentos dos livros. Humberto me concedeu o privilégio de livre acesso para examinar os lançamentos, em troca de uma menção publicitária na minha coluna no Jornal. Na última edição, fiz uma abordagem mais completa sobre o livro de Paulo Coelho – “O Monte Cinco”, além de outros. Conversa vai, conversa vem, o homem desatou a falar sobre o autor demonstrando conhecimento das obras do autor, quando a Fanny não se contendo saiu com isso:

- Mas, me diga uma coisa: o senhor lê todos esses livros? Disse ela, apontando as estantes enfileiradas.

Antes de dar a resposta, o gerente fez um gesto de desconforto, e ela à mercê do silêncio que então se seguiu, respondeu por ele:

- Lê nada!

Imaginem a saia justa e como reagi! Mas, nada falei. Apenas fulminei-a com meu olhar, um tanto crítico demais, e ela entendeu que fizera uma abordagem infeliz. Ao mesmo tempo, toquei no braço direito do homem a altura do ombro, gesto

compreendido como um pedido de desculpas. Nos “entretantos” deste episódio, a conversa desabou num lacônico “stop”. Que fazer? Brigar com minha amiga? Ah, isso não...

Penso que essas pessoas carecem. Falta-lhes o cuidado mental ao formular suas questões. Com algum respeito aos repórteres profissionais, abençoados que são pela mão santa da Liberdade de Imprensa e o dedicadíssimo dever a se cumprir - porque o povo quer saber - alguns muitos, ignorando a Dona Ética, extrapolam, e suas vítimas, pegas e surpreendidas, acabam por sentirem-se aturdidas e acuadas e respondem àquelas perguntas com desatenção e até grosseria. Quase sempre, “os paparazzi” de plantão atacam as celebridades, em especial os artistas, atletas e políticos. Essas pessoas, além de famosas, são também seres humanos mortais como “nosotros”. Às vezes penso que nas Faculdades de Comunicação existe uma matéria que ensina aos futuros repórteres “Como fazer perguntas cretinas.” Melhor se estes competentes profissionais compartilhassem com os programas humorísticos da TV, pois já que é pra rir, vamos ao hilário.

Lembro-me de alguns famosos, que acabaram estigmatizados pela opinião geral. Muitos, que não são mais súditos deste reino, mas outros estão bem aí, vivinhos. Romário por exemplo. Nomes como o ex-presidente Figueiredo, o técnico Zagalo, a saudosa Ellis Regina e tantos mais, tiveram sua paz quase devastada por maus repórteres.

Um dos casos mais interessantes dessas abelhudices ocorreu entre o ex-presidente Jânio Quadros e uma repórter, se não me engano, de uma determinada emissora de rádio de São Paulo. Tendo ela nada melhor pra fazer, nem para perguntar, atacou o cidadão:

- Presidente, por que o senhor bebe? (O Presidente era chegado num “mé”.) .

Ao que ele, erudito na Língua Portuguesa, respondeu:

- Bebo porque é líquido, se sólido fosse comê-lo-ia...

Ainda bem, que ele pouco provavelmente sóbrio, trocou a palavra final, por “comê-lo-á”, um trocadilho que remetia a Dona Eloá, sua esposa. E a repórter no embalo refutou:

- O Sr. ainda dá conta Presidente?!!

A resposta aí, eu prefiro nem comentar...

FILOSOFAR? JAMAIS!

Por José Américo Dias

Filosofar? Jamais! Não quero criar teorias.

Só gosto de redundâncias, só para rimas de coragens.

Admiro também os covardes que fogem, nada criam, recuam e sem palavras de “ais”.

E muitos eretos calados, porque calados não opinam.

Amo o silêncio e não incômodos mútuos da exacerbação de razões.

Gosto do plácido comum, gosto do comum relativo em tempos e horas.

Amo as energias que nos sublimam os mais dos “hojes”, de momentos dos de agora.

Não existem tempos glórios e inglórios, existem paralelas contínuas que amadurecem ou se perdem.

MATURIDADE é o gestar, aprendendo, dividindo, somando para aportarmos no hoje, agora, e naquilo que mais amamos.

Num oportuno sem tempos, idade ou parentesco. Só para não esquecermos o que carregamos para eternos futuros, de mínimas construções; e mesmo que sejam estas de mínimas posses.

Mas para aquecermos, em lembranças de calores, de afetos eternos dos “ontens” e dos “hojes”, e para o mais longínquo... sempre. Em trocas mútuas, sempre!!

Esta é a mágica de nos perpetuarmos em pós.

GOSTO DE LEOAS !

Por José Américo Dias

Gosto de Leoas! Gostei com divisibilidade de minha mãe. Lembro-me dela como me lembraria de um tsunami. Uma vez, deu-se na cidade de Ibirá, uma grande cheia, que ocorreu mais forte nas Termas de Ibirá. Na época, Bem Hur, mano caçula, estava pelas bandas de lá, em casas de parentes.

Eu e minha mãe, Dona Laurentina, uma senhora gorda e astuta, corremos para pegar um táxi – o taxi do Sr. Luciano - e ir até a região. Quando chegamos, ouvimos ao fundo nosso avô Américo. Estava enlouquecido, dizendo que ouviu Bem Hur gritar do lado de lá do rio, onde as águas encontravam-se a mais de 6 metros de profundidade. O Balneário estava todo alagado, dava um dó de ver. Minha mãe desesperada, sem pensar direito, mergulhou no rio junto com outras pessoas para ir buscá-lo. Graças a Deus trouxeram-no são e salvo.

Lembro-me das lágrimas de meu avô, lembro-me das louvações dos que assistiam a cena, lembro-me da vontade e da coragem da minha mãe, lembro-me das orações das crianças e de Deus que em seguida se fez sol. Lembro-me bem da cena da minha mãe saindo água, junto do meu avô e do Sr. Manoel Luciano, o português do taxi. Lembro-me do Bem Hur naquele dia, ainda mais pequenino e mais claro.

É por tanto feitos como esse da minha mãe que tive retidão na vida. Lembro-me de minha mãe nos deixar aos cuidados da Vó Tereza e partir para tomar conta da sua filhinha - a Lázara, a maldita e possuída mana mais velha nossa. A incoerente. Lembro-me também de Bete. Bete criança, de cabelos tão encaracolados de mistérios, lindos e naturais, sempre em roupinhas coloridas.

Minha mãe sempre viajava e nos deixava com a Vó. Algo importante ia fazer, com certeza. Nosso pai ficava sempre junto de nós, com a Vó Tereza a tomar conta. Que bom que tínhamos os ensinamentos de nossa mãe. Sempre ficava com aquela interrogação:

- Por que tamanha ausência?

Era por causa do devotamento com a Lázara, a amada, a eterna doente. Seria preciso tanto devotamento?

Era difícil conviver com o devotamento de mamãe com nossa irmã Lázara. Sempre pensei: “a Lázara um dia irá ficar bem, irá arrumar um marido e nossa mãe não precisará mais assisti-la.”

Muito anos depois, eu já com o Tuta em São Paulo, me perguntara: e o Bem Hur hoje hein? Como estará? E a Bete, a avó Tereza, estariam todos bem?

Bete. A amei demasiado por guardar-me em lembrança, por ser a minha chata, caçula de sempre. Mesmo com outros filhos do nosso pai, que sempre os amei como a ela, Bete sempre foi minha parceira no trato com a nossa indigesta e valente mãe. Sinto muito saudades de todos! Bons tempos esses, lá na pequena cidade de Ibirá.

BODAS DE OURO: NOSSO BARCO, NOSSA VIDA

Por José Silveira

Lembras, meu amor, do poema que para ti fiz em 1959, que falava do barco e, com os remos do nosso amor, deveria partir pelos mares da vida , até que a morte nos separar?

Foi o que aconteceu. No dia 19 de dezembro de 1959, entramos em nosso barco e, com os remos do nosso amor, partimos rumo ao destino que a vida nos reservou.

No início, a viagem foi tranquila e só singramos águas calmas e, a cada dia, nossa vida, era como um mar de rosas, com o perfume inebriando nossas almas. O céu era sempre azul.

Ao longo da jornada, fomos recebendo alguns passageiros: Maria Regina, Luiz Carlos, Helena, Marilene, Rosângela e Vera e, até minha mãe, doente, parálitica, veio navegar em nosso barco.

Com tanto peso, o barco se tornou instável e tivemos que enfrentar as tempestades da vida, com ondas fortes, provocadas pelas dificuldades que íamos passando: preocupação financeira, excesso de trabalho, falta de tempo para estudar, educação dos filhos...

A cada momento, o nosso barco ameaçava afundar, mas o nosso amor foi mais forte e fomos, pouco a pouco, mantendo o nosso barco flutuando. Mais tarde, os nossos passageiros começaram a desembarcar em portos diferentes. Primeiro foi o falecimento de minha mãe. Depois, cada um dos nossos filhos deixava o barco e se unia pelo casamento, formando nova família.

Então, o nosso barco ficou mais leve e voltou a navegar por águas tranquilas e, hoje, faz cinquenta anos que partimos do porto onde morava a felicidade. Após todo esse tempo continuamos remando, guiados pela força do amor e de uma luz divina, rumo ao porto desconhecido, onde teremos que desembarcar. O nosso anjo da guarda estará nos esperando e nos conduzirá à morada do Pai Criador, que terá um lugar reservado para nós e, lá, encontraremos todos os nossos familiares e amigos que partiram antes de nós.

NATAL ANTIGO

Por José Silveira

Que saudade que tenho
do natal de antigamente;
Quando ansioso esperava
ganhar um lindo presente.
Mas se o dito não viesse
e outro pequeno tivesse,
saía sorrindo e contente.

Era preciso um presépio.
Caprichado e com carinho,
onde nada podia faltar.
Nem o capim do cavalinho,
pois o Santo Menino Jesus
vinha num raio de luz,
em seu cavalo branquinho
e para enfeitar o presépio
procurava na natureza
flores, conchinhas, figuras.
E outros que, com certeza,
agradaria o Menino Jesus,
que com o seu raio de luz
iluminava com tanta beleza.

Hoje o natal é bem mais triste.
Não lembra mais o nascimento
daquele que veio ao mundo
e morreu por sofrimento,
para salvar a humanidade
trazendo amor e bondade
a todos em cada momento.

Agora só lembram o Papai Noel,
que ao comércio traz riquezas.
Aos pobres só resta a tristeza
de não poder dar um presente,
para deixar o filho contente
e poder sorrir com certeza

Deixe o Papai Noel de lado,
ele não lembra tanto amor...
Tragam de volta o menino
para um natal salvador.
Lembre-se, Cristo nasceu e
por nós na cruz morreu ...
E nos fez do céu merecedor

O JARDIM MÁGICO

Por José Silveira

Há muitos anos, o mundo era mágico, havia fadas dragões e toda espécie de magia.

Em um jardim da morada de uma fada boa, havia muitas espécies de flores e as rosas predominavam pelas cores e perfumes inebriantes. Num dos cantos do jardim, nasceu um pé de roseira de flores amarelas. Uma das rosas amarelas se destacou pelo tamanho, cor e perfume.

Todas as flores desse jardim ficaram com inveja de tanta beleza e resolveram destruir aquela linda flor. (Naquele tempo toda a natureza se comunicava).

Então, a maldade de muitas flores resolveu convocar uma fada má para perpetuar uma vingança. Até as borboletas e os beija-flores, que adejavam diariamente pelo jardim, pousando de flor em flor ou sugando o néctar, sumiram com medo de tanta balburdia.

A rosa amarela, ao saber da notícia, ficou muito triste e chorou muito. Suas lágrimas correram molhando o solo sob o pé da roseira, que também estava triste. Seus soluços eram altos. A fada bondosa, proprietária do jardim, a ouviu e veio voando tentar salvá-la. Ao chegar, tentou consolar a triste rosa e a roseira, sua mãe.

Voando sobre o jardim, a fada boa dizia às flores que a vingança faz mal e que só prejudica a todos. Era preciso respeitar e aceitar a todos, ter muito amor, já que somos parte da natureza e partes de uma grande família. Nem tudo é igual e é preciso respeitar as diferenças. Distribuir amor a cada um traz a felicidade para todos.

Houve um alvoroço muito grande entre as flores do jardim, já que algumas queriam a vingança, mas a maioria preferiu a paz. Assim, num gesto simbólico, escolheram a rosa amarela como a rainha do jardim.

A rosa amarela ficou feliz e transmitiu a todos o seu agradecimento, dizendo: “Nós somos diferentes, mas somos importantes para a natureza”.

O AMOR SEMPRE VENCE?

Por José Silveira

Eram dois jovens nascidos na mesma comunidade. Cresceram juntos. Ela estudou na Escola Estadual de outra localidade. Ele estudou na Escola Estadual local. Tornaram-se jovens adultos, mas nunca pensaram em namorar. Cada um procurou namorar do seu jeito. Ele, por muito tímido, procurava namorar pouco. Ela procurava namorar moços de outras comunidades, mas nunca teve sucesso com nenhum.

Um dia ocorreu uma festa numa localidade afastada e os dois lá se encontraram. Como ele andava de bicicleta, ofereceu a ela uma carona. Ela rapidamente aceitou. Partiram, ela sentada no quadro da bicicleta à frente dele, com seu rosto quase próximo da cabeça dele. Chegando à festa, cada um procurou divertir-se como podia. Na hora do almoço, ficaram próximos, conversaram muito e, na volta ela veio de ônibus.

Nos próximos, finais de semana, sempre se encontravam, conversavam, mas não passava disso. Mais uma festa aconteceu na mesma comunidade anterior. Dessa vez ambos foram de ônibus. Como o veículo estava lotado, os dois ficaram de pé, segurando na barra de proteção, com as mãos quase encostadas. Num certo momento as mãos se encontraram como se fossem mãos de namorados. Almoçaram juntos, passearam juntos e voltaram juntos até a casa dela. Lá ficaram conversando algum tempo. Despediram-se e ele foi embora.

Nos finais de semana seguintes voltaram a se encontrar e daí para frente ficaram assim, sem se declararem namorados.

Ela tinha um namorado firme de outra comunidade afastada e nunca mais quis recebê-lo. Era o fim de um namoro e o começo de outro. Os dias passaram, os meses também e o namoro continuou firme. Passavam os domingos conversando sentados ao lado da estrada. Passeavam de mãos dadas pela comunidade, iam a todas as festas que podiam. Veio a paixão, o amor cresceu e resolveram planejar um casamento.

Noivaram e tudo ia muito bem. Era um amor ardente que queimava os corações. A cada momento queriam ficar juntos. Além da atração física, havia uma atração espiritual que os unia num elo inseparável. Ela comprou todo o enxoval de que precisava, tudo foi bordado por suas mãos hábeis. Os dois estavam felizes. Só

faltava marcar a data do casamento. Foi aí que começou a desandar o noivado. Ele gostava de andar sempre bem arrumado. Ia à missa de terno e gravata, sapatos brilhantes e isso nela despertava ciúmes, pois outras mulheres sentiam-se atraídas por ele. Parece que ela, ou sua mãe, não gostavam dessa atitude. O maldito do ciúme fez com que sua mãe brigasse com ele e o ameaçasse de batê-lo com um pedaço de pau do fogão. Ele saiu muito triste. Foi para sua casa e, no dia seguinte, juntou tudo o que tinha dela, fotos e cartões, e mandou um mensageiro lhe devolver . Foi o fim de um noivado que tinha tudo para dar certo.

Ela sofreu muito. Passou um tempo isolada e, mais tarde, procurou um novo amor para reconstituir sua vida. Não teve sorte, pois as pessoas que ela procurava tinham problemas que a desagradava. Depois de perder um amor fiel, verdadeiro, carinhoso, não era fácil encontrar outra pessoa semelhante.

Passou algum tempo e ela veio a namorar outra pessoa da comunidade, que ela há muito já conhecia, mas não fazia o seu tipo. Diante da frustração da vida resolveram se casar. Se foram felizes, não se sabe. Tiveram vários filhos que se deram bem na vida. Como seu marido já era uma pessoa doente, veio a falecer muito cedo.

Procurou outros companheiros, mas nenhum deu certo e resolveu ficar sozinha. Se é feliz não se sabe. Já está com mais de oitenta anos de idade e só lhe resta aproveitar os dias restantes. Gosta muito de viajar.

A vida nossa é uma incógnita. É um caminho a seguir, e sem roteiro.

O ERRO DA ESPERTEZA

Por José Silveira

Era um homem muito esperto
que vivia de oportunidades,
esperando que a sorte sorrisse
Para lhe dar só felicidades.

Na rua encontrou um senhor,
que lhe pediu uma explicação
De como receber um prêmio,
de um bilhete em sua mão.

O homem então ofereceu
trocar o bilhete premiado
por um valor em dinheiro
que foi logo estipulado.

Os olhos do homem esperto
cresceu diante daquela oferta.
Trocou o dinheiro que tinha,
pensando ganhar na certa.

A Caixa foi logo correndo
com o bilhete premiado,
mas logo ficou sabendo
que fora rudemente logrado.

YASMIM

Por Nilton Tollentino de Espíndola

Quando ainda lecionava, não mais na sala de aula e já readaptado, exercendo função na biblioteca da escola, me lembro de uma história que marcou minha vida: uma aluna que estudava na escola apareceu e me perguntou se eu podia ajudá-la a escrever a minha história de vida. Era, na verdade, um depoimento de como cheguei a ser professor. Eu não fui muito prestativo na época. E a decepcionei, negando-lhe o ofício. Justifiquei porque não gostaria de rever o passado, pois tive uma infância sofrida.

Desculpe-me, Yasmim! Hoje sinto em não ter contado minha história. E cá estou agora mais idoso, realizando esse registro e me lembrando de você.

No meu registro de nascimento consta 03 de junho de 1950; já com um mês de vida.

Filho de Tolentino Martinho de Espíndola e de Lídia Cândida de Espíndola.

Minhas irmãs anteriores: Irinéa Lídia de Espíndola e Nilza Lídia de Espíndola. E posterior a mim, Nilza Lídia de Espíndola. Ainda por parte de pai, depois que ficou viúvo, João Tolentino de Espíndola, Maria Zelândia de Espíndola e André Tolentino de Espíndola.

Não cheguei a conhecer minha mãe. Quando ela faleceu, eu não tinha ainda três anos de idade. Morávamos quase à beira da praia, na Barra do Aririú. Casa de estilo açoriano, com duas águas. Era de alvenaria, tijolos crus, sem reboco, com repartições de madeira separando os quartos e sem forro. Havia um corredor para acesso à sala, com uma porta à direita, para saída à rua. A cozinha, em telhado baixo, era de pau-a-pique e chão batido. Eu lembro-me de dormir na cama alta, com colchão de palha, lamparina sobre o castiçal, junto com minha vó.

Maria Bilica Rodrigues, enquanto viva, ajudou a cuidar de nós. Em seu quarto havia um baú no chão e um quadro de Santo Antônio, pendurado na parede de madeira. Na sala havia apenas um banco de madeira. Não me lembro de ter na casa outras mobílias, pois a mesa era posta para comer sentados sobre uma esteira no chão.

Depois que meu pai casou-se pela segunda vez, uma de minhas irmãs foi morar com a madrinha, a Dona Marina, esposa do seu Domingos, no Furadinho. Ela era professora e tinha um filho pequeno chamado Cláudio. E quando saía para dar aula, a Nilta ficava em casa cuidando dessa criança, durante à tarde.

Meu pai trabalhava de pescador, na função de patrão, em baleeira ou na lancha do seu Gregorinho, pai de Dona Marina. Lembro-me de ter ido pescar algumas vezes com meu pai, em canoa. Atravessávamos o rio Cubatão, e de lá íamos a pé até a baixada do morro do Cambirela, para visitar minha irmã. De tanto chorar e pedir para voltar, um dia a trouxemos conosco.

Por causa de tantas brigas em casa, falta de comida e de carinho, ela foi morar com a tia Bernadina ou Bernadinha - como a chamávamos - próximo de nossa casa. Tia Bernadina era bem idosa e eu me lembro de ir a sua casa com frequência. Lá eu chupava laranja, roubava frutas dos vizinhos e, às vezes, também, comia ou saía em disparada, quando o seu filho, Maneca, voltava bêbado da venda. Tia Bernadinha era muito paciente com as crianças.

Um dia, tia Bernadinha e minhas irmãs armaram uma barraco para brincarmos de casinha debaixo das nogueiras. Amassaram bananas e fizeram bolinhos. Uns pegaram na panela; outros saíram com melhor aparência. Elas comeram os despedaçados e deixaram os inteiros para comerem mais tarde. Numa distração delas, eu fui lá e comi todos. Como elas gostavam muito de mim, não se importaram.

O que mais arruinou minha imagem psicológica por muitos anos foi o produto de um roubo. Furtei da mala do Maneca uma nota alta. Comprei com ela uma rosca de um vendedor ambulante. Ele mesmo teve dificuldade para trocá-la. Mas ao guardar, a madraستا a descobriu sob as telhas de um galinheiro. Meu pai desconfiou da origem, mas a verdade eu nunca lhe disse. Pegou a cinta, me levou pelo braço, trancou por dentro a porta do quarto e me bateu. Bateu, bateu, descendo do alto a cinta. Dizia:

- “Você sujou meu bigode”!

Tive vontade de fugir de casa e desaparecer no mundo errante. Essa tentativa fiz com ele, quando fomos tirar lenha, na C’roa do Araçá. Fugi da vista dele e e ele só foi me encontrar, muito aflito, distante do local de embarque.

Outra surra, porém menor, foi quando meu pai soube que eu gazeava as aulas, no segundo ano primário. Lembro-me de Dona Abel, o que tinha de bonita, tinha também de má. Sempre dava a palmatória nas crianças e pô-las de castigo.

Sempre me escondia nas pitangueiras, na beira da praia, próximo da escola, e só lamentava não poder brincar com meus colegas na hora do recreio. Na escola reprovei nesse ano, mas o curso primário nela concluí.

Das brincadeiras de infância só tenho boas lembranças. Mas se brigava, apanhava nas ruas, por ser franzino e desnutrido. Se eu saía para jogar bola e voltava após o almoço, não comia. Apanhei muito; mesmo quando me acidentava. Até chinelada na cara, por dizer palavrão na hora da refeição.

No serviço era bem responsável. Aprendi, desde cedo, a sustentar a família, com tarrafa e canoa ou bateira, pescando e arriscando a própria vida no mar e nos rios. E para manter o fogo aceso, também tirava e rachava lenha dos manguezais

De calça curta e pé descalço, até cantava uma modinha, em nome do Santo Antônio:

*Santo Antônio giquitingue,
Giquitinguem giquitingue.
Também é boa pessoa,
Giquitingue, giquitingue.
Se você tem bom coração,
Ajude-me com um tostão
Pra mim comprar um pão.*

Apesar da pouca idade, aparentava ser mais velho. Tanto que, por ironia, uma mulher na Barra do Aririú me apelidou de “dezoito anos desperdiçado”.

Antigamente, na Barra do Aririú, quem queria continuar seus estudos e concluir o ginásio, 5ª a 8ª série, tinha que ir a pé até o centro de Palhoça, eram cerca de nove quilômetros. Fazia-se o Exame de Admissão.

Estudei os primeiros anos do Ginásio, no Grupo Escolar “Venceslau Bueno” e concluí Ginásio e Magistério no Colégio “Governador Ivo Silveira”. Estudava à tarde, porque, durante o período matutino, bem cedinho, era tirado da cama, para pescar a “bóia”, (almoço), com meu pai.

No último ano do Magistério eu estudava à noite e trabalhava durante o dia, como atendente, no Hospital e Maternidade “São Sebastião”, em “Floripa”. Foi onde namorei uma moça de Tijucas, que por lá passou, em tratamento de glaucoma. Muitas cartas lhe escrevi e cartas dela também recebi. Mas o casamento... Só mais tarde, com estabilidade no emprego e graduado. E foi com outra jovem, mais nova e atraente.

Depois de ser demitido, após um ano e oito meses, assalariado, trabalhei no comércio, por pouco tempo. Prestei vestibular por duas vezes, em Odonto. Em vão. Fiz cursinho pré-vestibular e até frequentei um ano da 1ª série do curso secundário, no Instituto Estadual de Educação. Nesta época já trabalhava de carteiro, aprovado por concurso. Ao ser classificado na segunda opção, em Letras, no vestibular da UFSC, pedi demissão do emprego e efetuei matrícula. Eu, todo feliz, universitário, no segundo semestre de 1974.

Universidade, mesmo sendo pública, para pessoa de baixa renda, foi um desafio: come-se pouco, emagrecido, aderir ao programa de Crédito Educativo, insatisfeito com alguns professores e com disciplinas pendentes... Mas trabalhava também em escolas das redes municipal e estadual, lecionando para crianças, jovens e adultos. Tive ajuda das minhas irmãs e de um querido cunhado (Casé) para concluir o curso, felizmente, no segundo semestre de 1979.

Agora era trabalhar. Uma de minhas experiências marcantes foi lecionar na Escola Básica Senador “Renato Ramos da Silveira”, na minha terra Natal. Algumas pessoas se admiravam do “Santo Antônio”, biguá do mar, travesso e caçador de passarinhos. No final do ano prestei concurso público. Agora, efetivo no magistério público, saltei para a serra. Iniciei no ano de 1981, lecionando em Major Gercino. Foi tão bom que engordei 15 quilos. Comprei um fusca branco, rebaixado e bem cuidado. Casei-me com uma ex-aluna, a tal jovem e atraente, que já mencionei anteriormente. E lá nasceu a primeira filha.

Por escolha e concurso de remoção, voltei à Palhoça, em 1986. Fixei residência na Barra e passei a lecionar na Escola Básica “João Silveira”, no bairro do Aririú. Trabalhei até me aposentar nesta escola, em abril de 2013. Também concluí duas pós. A primeira pela Univali, em Itajaí; a segunda, pela UFSC, na Trindade.

Nasceu minha segunda filha e voltei a pescar, por esporte; e a plantar no terreno que tive na praia da Barra. Construí duas residências, mas a morada ideal é a que eu vivo atualmente. Tenho duas filhas casadas. Tornei-me escritor, e concluí mais uma pós, recentemente. Estudo, desde 2014, na Universidade Municipal de Palhoça, no Programa da Maturidade. Apesar de a única renda familiar ser a minha, vivemos muito bem. Minha esposa é do lar. Tenho uma neta! Ela está com 15 anos, cursando o Ensino Médio no Colégio Energia. Eu sigo a vida, particularmente, com muita resistência e resiliência!

SAUDADES

Por Zulene Rosa

Nasci no interior do município de Rancho Queimado. Lá a natureza é exuberante, há lindos pássaros, animais de muitas espécies, inverno, chuva, geada e até neve, de vez em quando.

Lembro-me com saudade da minha primeira professora que nos aguardava em frente ao portão, para irmos juntos, nos dias de geada, para a escola. Íamos brincando e no meio do caminho parávamos no ipê amarelo para descansar.

Na bolsa nossa cartilha e pão de milho, com doce caseiro ou banha e açúcar. Era maravilhoso.

Meus pais “colonos” trabalhavam muito, mas ainda tinham tempo para nos acompanhar nos estudos. À noite fazíamos nossas tarefas escolares e juntos todos tomávamos café antes de dormir. Meu pai foi muito importante para todos nós, pois mesmo sabendo muito pouco (frequentou só a 1 série do antigo primário) nos ajudava com o “B” “A” “B”. Lembro-me que depois das tarefas ouvíamos rádio, com as notícias de São Paulo, e o mais lindo era a música caipira (Tonico e Tinoco), depois orávamos e íamos dormir, para um novo amanhecer.

Na primavera havia muitas flores. Muitos pássaros com seus ninhos. Ah! Que saudade.

Nas noites de verão sentávamos em frente as casas para conversar com os vizinhos e nós brincávamos , de esconde-esconde, bolinha de vidro (clica). Minha prima e eu dançávamos para os adultos (o trêm de ferro quando vai para Pernambuco, vai fazendo chuc chuc até chegar no Ceará , rebola a mãe rebola a filha , eu também sou da família, também quero rebolar.)

Ah! Quanta saudade do seu Willi, o dono da venda! As balas eram nosso delírio.

Dezembro, natal, vamos escolher o pinheiro. Vamos fazer faxina, enfim o tão esperado “Papai Noel”. Orar, cantar, bolachas, bolo e outros. Ah! E a neve? Como era verão, minha mãe substituía por algodão. Ficava lindo! O importante era o presente.

Lá vinha o inverno, muito frio, chuva, mas tinha seu encanto. Sentávamos ao redor do fogão a lenha, com pinhão na chapa, chocolate quente feito de “toddi” e meus pais

contando estórias dos antepassados. Neste período as noites eram mais longas, com o céu bem escuro, víamos os vagalumes e as estrelas. Era muito lindo. Ah... que saudades de um tempo que só está na memória!

AMIGOS

Por Zulene Rosa

Amigos, festas, saudades, família, tristeza, viagem, amigos da infância, adolescência e maturidade.

Lembro-me com alegria das minhas peripécias da juventude. Íamos dançar, acampar, viajar, etc. Era muito divertida a preparação para o acampamento; íamos com o “fusca” da mãe de uma amiga. Era um trabalho botar tudo dentro do carro e nós.

Que saudade da praia da Pinheira e da Guarda do Embaú. Nossos passeios para Taquaras. Levantar de madrugada, pegar ônibus (só tinha este), levar mala de roupa, comida, som, os nossos LPS preferidos e da moda. Tomar banho, esquentar água no fogão a lenha, por a água na “gamela” era maravilhoso. Sonhávamos com nossos príncipes, e chorávamos de saudades, mas tudo era festa. Caminhávamos nas matas, com rios e cachoeiras.

Fazíamos nosso almoço todo elaborado, depois íamos dormir. Tínhamos medo, pois tinha um senhor que gostava de nos espiar e assustar.

Era um tempo muito belo e divino, que saudades. Depois foi o tempo de acampar em rodeios, bailes, bailes gaúchos, cavalos e o baile do “cachorro louco”.

Ah! Minhas queridas amigas. Hoje nossa amizade continua, mas com menos intensidade. Vamos dançar, vamos para a Serra, vamos para bares e jantares, com nossos príncipes, filhos e netos.

Amigos verdadeiros, mesmo distantes a gente não esquece. Como diz a música do Nilton Nascimento: “Amigo é coisa para se guardar no lado esquerdo do peito...”

SOBRE OS AUTORES

Álvaro Francisco Frazão, nasceu numa pequena cidade no agreste de Pernambuco chamada Correntes, em 1949. Perdeu os pais muito cedo e foi criado pela família paterna. Foi alfabetizado em casa. Passou por várias cidades até se fixar em São Paulo, onde se formou em Técnico de Contabilidade. Posteriormente, fixou residência em Brasília. Viajava pelo interior do estado. Como viajava muito não conseguiu continuar os estudos. Em razão do trabalho, viveu durante dois anos em Belém do Pará, regressou à Brasília e posteriormente para Goiânia. Participou de um Projeto de Inclusão Social, como coordenador de Evento, viajando pelos Estados de Mato Grosso e Goiás. Finalmente, em 2011, foi viver no Espírito Santo, na cidade Vila Velho. Lá, ficou por três anos, quando resolveu morar no Sul, precisamente em Florianópolis onde se encontra até hoje. Tem dois filhos do primeiro relacionamento conjugal e uma filha do segundo. Atualmente, frequenta alguns cursos e oficinas na UFSC e é aluno do Programa de Extensão da Maturidade, da Faculdade Municipal da Palhoça.

José Américo Dias nasceu na cidade de Ibirá, interior de São Paulo no dia Primeiro de Março de 1946. É filho de Carlos de Mello Dias e de Laurentina Ramos Dias. José Américo é joalheiro e artesão, trabalhando especificamente com Pedras. É também um poeta de rua, paixão esta que o levou a escrita dos contos aqui registrados. O autor, que morou em muitas cidades do Brasil, vive hoje em Santa Catarina, no município de Palhoça e participa do Programa de Extensão da Maturidade da Faculdade Municipal da Palhoça.

José Silveira nasceu em Aririú da Formiga, Município de Palhoça, no dia 08 de julho de 1935. É casado com Ondina Turnes Silveira há 58 anos, tem seis filhos, dez netos e três bisnetas. Graduou-se em Licenciatura para Ciências na UDESC. Ingressou no Magistério Estadual em 1955, trabalhando em várias escolas. Em 1986, após 30 anos de trabalho, aposentou-se. Amante dos livros desde criança, hoje é autor e membro da Academia Santoamarense de Letras. O autor já publicou três livros, “Uma Janela Aberta” e tem ainda a ser publicado: “Memórias da Minha Infância” e “Poesias

Caboclas”. É aluno do Programa de Extensão da Maturidade da Faculdade Municipal da Palhoça e participa do Coral do curso.

Nilton Tollentino de Espíndola é natural de Palhoça em Santa Catarina. Nasceu em três de junho de 1950. É filho de Tolentino Martinho de Espíndola, Lídia Cândida de Espíndola. Graduiu-se em Letras pela UFSC e fez três pós graduações. Hoje é professor aposentado e autor do livro “Magistério Público na Vida de um Professor. Editograf Ltda. Tubarão, SC, 2013.”. Também é aluno do curso Programa de Extensão para a Maturidade da Faculdade Municipal da Palhoça.

Zulene S. Rosa é natural de Rancho Queimado em Santa Catarina. É formada em Orientação Educacional pela UDESC. É casada e tem uma filha. Trabalhou trinta e cinco anos no DEINFRA de Santa Catarina – SC como topógrafa e desenhista de projetos. Hoje, já aposentada, dedica-se a leitura nas horas livres. Seu passatempo preferido é o que a levou a querer participar do projeto desse livro, o qual assina como autora estreante. Atualmente, reside no estado de Santa Catarina, no município de Palhoça, e vem participando, desde 2014, do Programa de Extensão da Faculdade da Maturidade de Palhoça.